

“VIDA DE BAIXA GRANDE”

1860 – 1977

Judith Soares de Souza e Azevedo

“VIDA

DE BAIXA GRANDE”

1860 – 1977

Por:

JUDITHY SOARES DE SOUZA E AZEVEDO

1979

SUMÁRIO

- Leitor
- Baixa Grande
- Histórico
- Chegada dos moços Pamponet
- Vida de D. Ana Souza Santos
- Biografia de Manuel Ribeiro Soares
- As primeiras famílias residente em BAIXA GRANDE após sua fundação
- Intendentes e Prefeitos
- Vigário de Baixa Grande
- O MUNICIPIO – Limites, acidentes Geográficos, Rios, Açudes, População, festas religiosas e festas populares
- Escolas, salas de Leitura, crianças abandonadas a A.B.A.V.
- Reforma da Igreja
- Maternidade, Partos, médicos
- Aos jovens baixagrandenses
- Um caminho percorrido
- Rememorando
- Homenagens póstumas.

JUDITH SOARES DE SOUZA E AZEVEDO

LEITOR

O lançamento deste pequeno livro é uma seqüência do caderno “BAIXA GRANDE comunidade que caminha” onde procurei oferecer aos meus conterrâneos, um pouco mais de aprimoramento, reunindo em torno do assunto um complexo que agradasse a mim mesma.

Introduzi pequenas modificações dentro do seu histórico sem nenhuma alteração da sua realidade, para chegar a uma melhor compreensão. Tarefa esta que me impuz com carinho e alegria.

Tenho esperança de que os meus patrícios proporcionem-me a conformidade satisfação e a minha tentativa não se tornou inútil.

Ao meu esposo, meus oito (8) filhos, genros, noras e no momento os vinte (20) netinhos, carinhosamente dedico, os meus pensamentos aqui transcritos.

Issa.

Feira de Santana, dezembro 1977

BAIXA GRANDE

A você BAIXA GRANDE , cidade adulta e secular reacende a esperança de um futuro melhor, sem retroceder do seu impulso de prosperidade e paz na pessoa dos seus dirigentes e sob as benção auspiciosas de sua padroeira – NOSSA SENHORA DA CIONCEIÇÃO.

O desenvolvimento de uma cidade, deve-se aos seus dirigentes e a cooperação mútua dos seus habitantes.

O trabalho o tirocínio administrativo, a economia, a instrução, a união e a religião, são agentes impulsores do progresso de uma cidade.

A fraternidade o amor ao próximo são sentimentos básicos da personalidade o amor ao próximo são sentimentos básicos da personalidade de um homem.

Issa.

HISTÓRICO

O HISTÓRICO completo da cidade de Baixa Grande, não foi encontrado em Cartório e Prefeitura.

O que descrevo, pesquisei no caderno “BAIXA GRANDE Comunidade que caminha” e me foi fornecido pelo primo Dídimo Ribeiro Soares de 76 anos de idade, um dos últimos ramos da árvore genealógica da família Ribeiro Soares.

Nasceu ele, na fazenda Brejo, propriedade de seus pais Joviniano Ribeiro Soares e sua progenitora Ana Borges Novais Soares.

Com a morte do avô paterno, João Ribeiro Soares, coube por herança, aos pais de Dídimo, uma parte da fazenda FACEIRA hoje URUCAINA, passado eles a residirem lá.

Falecendo a mãe do Dídimo e ele ficando criancinha os tios Dr. Ângelo Soares e sua esposa Balbina (Iaia) assim todos a chama tamaram-no para criar.

Com idade de 2 (dois) anos morre sua tia criadora. Dídimo passa para o poder dos primos e padrinhos, Dr. César Ribeiro Soares e Alice Pamponet Soares.

Dídimo estudou 5 (cinco) anos na cidade de Rui Barbosa, 12 anos em Salvador. Lecionou em escolas públicas e particulares 28 anos. Exerceu o cargo de Secretário da Prefeitura de Baixa Grande 22 anos. Atualmente, está aposentado e reside em Baixa Grande.

Apesar de não lhe ser conferido um Diploma superior, tem boa ortografia, é muito inteligente, possui excelente memória.

Obrigado Dídimo, pela sua cooperação neste relatório e permita-me que lhe dê mais uns retoques completando-lhe a narração.

Diz a Dídimo: que os seus padrinhos e criadores, Dr. César Ribeiro Soares e D. Alice Pamponet Soares, residentes e proprietários da Fazenda CAIS neste município, sua tia Julia Ribeiro Soares Souza Santos, e Cel. João Batista Ribeiro Pamponet. Ex-dono da fazenda GRANDE VISTA; sua tia Sinhá e a prima Palmira contava-lhe o seguinte:

“Um senhor bem jovem de nome José Ribeiro Soares, veio do Estado do PIAUI, para Camisão (hoje Ipirá) em 1815 com 25 anos de idade.

Comprou no município de Camisão a fazenda Muquê, consertou toda a casa.

Em 1816 contraiu matrimônio com a senhorita Ana Souza Santos, natural da cidade de São Gonçalo dos Campos. Deste consórcio vieram-lhe 10 filhos.

Tempo depois, ele comprou a fazenda Camiciatá, onde ia todas as manhãs, a cavalo e regressava à noitinha. E, sua campainha ia sempre, uma cachorrinha de estima, muito afeiçoada ao seu dono que o acompanhavam todas as suas idas à fazenda.

Certo dia anoiteceu – nada do Sr. José Ribeiro Soares regressar à resid~encia. Os familiares estavam preocupados. De repente, surge a cachorrinha, cansada, um pouco tímida a rodear o pessoal da casa. Esta atitude do animalzinho, despertou a atenção de D. Ana a esposa do José Ribeiro Soares que, imediatamente, chamou um de seus escravos e ordenou-lhe, ir rápido à fazenda Camuciatá, para localizar seu esposo.

Partindo a galope de animal, qual não foi sua triste surpresa em encontrar o patrão morto na estrada no dia 15 de setembro de 1828.

Ele foi sepultado no cemitério de Camisão.

Este desenlace causou grande consternação na família e a todos que o estimavam.

Depois de alguns anos, sua esposa D. Ana, veio, a saber, que o assassino do esposo, havia sido um tal José Gouveia, do Estado do Piauí, e que se mudado para Feira de Santana.

Há suposição de que eles havia rixas velhas. O José Ribeiro Soares, quando morreu deixou a ultima filhinha com e meses de idade, e o filho mais velho era Manuel Ribeiro Soares, que mais tarde, o fundador de BAIXA GRANDE. Este sabendo que o matador de seu pai já estava residindo em Feira de Santana, veio a Feira, trazendo um de seus escravos o Guilherme. Depois de localizar o criminoso José Gouveia, mandou o escravo Guilherme, vingar a morte de seu pai.

O Manuel Ribeiro Soares dizia sempre que nunca esqueceria nem se conformava de ter perdido o bom pai tão tragicamente. A mãe, Ana Souza Santos, era uma pessoa excelente, religiosa, caridoso, querida por todos.

Quando os filhos, revoltados, falavam em descobrir o paradeiro do assassino do pai, para tirar vingança, ela suplicava, dizendo-lhes que não fizessem isto nunca, que não queria ter um filho criminoso nem vingativo, que era um enorme pecado, que não pensassem coisas ruins, entregassem a DEUS que deus um dia faria a divina justiça.

Esse crime ficou em sigilo. Ela morreu sem saber que seu filho havia vingado a morte do pai.

=====

CHEGADA DOS DOIS MOÇOS PAMPONET

Certo dia chegaram da França, expulsos pela nobreza francesa, na época de Luiz XV, dois irmãos, Manuel Teodoro Pamponet que era farmacêutico e bem rico montou uma drogaria com o nome "DROGARIA PAMPONET" na cidade de S. Felix.

Seu irmão Antônio Pamponet que dizia sofrer de fluxo – alergia – não podia entrar na Drogaria que se sentia doente. Resolveu vir para Camisão e comprou perto daqui a fazenda Tinguí, reformando totalmente.

Esta fazenda mais tarde pertenceu aos seu filho Cel. João Batista Pamponet. Pai de D. Alice esposa do Dr. César. Passando a cavalo pela fazenda Cais, o Antônio Francisco Pamponet sentiu sede e pediu água para beber, saíram as moças. A velha mãe Ana Souza era muito educada e democrata. Ele olhou para as moças e falou:

"Nem em Paris vi moças tão bonitas!!..."

Pouco tempo depois mandou pedir em casamento a mocinha de 13 anos, chamando Joaquim, que ainda brincava com passarinhos. D. Ana não quis o casamento alegando que o moço era estrangeiro não dava certo e de estrangeiro, ninguém sabia nada.

O Antonio Francisco Pamponet era muito educado, fez amizade com o irmão mais velho da moça Manuel Ribeiro Soares. Este, ponderou e falou assim para sua mãe: Minha mãe, consinta no casamento – A velha disse: ela não fala estrangeiro como pode?

Finalmente a velha concordou e, com toda pampa, com muitos dias de festas e muitos gastos, casavam-se na fazenda Cais, no mês de setembro de 1843.

Deste consórcio tiveram 8 filhos: João Batista Pamponet, casado com D. Senhorinha, tiveram os seguintes filhos: D. Maria (Maniquinhas) esposa do Sr.

Gil Suzart tiveram os filhos: Bianor Pamponet Suzart, Ostilio, nair, Almerita, Zilda, Zaia e Balbino.

D. Eliza, esposa do Dr. Bejamim Moura (médico) tiveram os seguintes filhos: esmeraldo, Aurea, Semírames, Morena, Aníbal, Lizu.

D. Umbelina esposa de Manoel Augusto, proprietário da fazenda Caldeirão, pais de Artur, Arnold, Antenor e Almir.

D. Tibucia esposa do Sr. João Carneiro, pais de Donato, lindinha, Valmira, Bejamira, Doralice, Durval, Daniel, Sizinia e Sizinio (gêmeos) Raquel.

D. Jasinha esposa do Sr. Victor Carneiro, não tiveram filhos. Antônio faleceu jovem.

D. Alice esposa do Dr. César Ribeiro Soares, não tiveram filhos.

Sr. Joaquim Pamponet, dono da fazenda Careta, pai de uma grande prle, era primo de João batista Pamponet.

E foi assim que as duas famílias RIBEIRO SOARES e PAMPONET se intrasaram.

VIDA DE D. ANA SOUZA SANTOS

Mulher humanitária, caridosa e por este de caráter, fez-se amada dos humildes.

A resignação impressa na sua mente e seu coração, era o lema na adversidade.

Com o desaparecimento trágico de seu esposo José Ribeiro Soares a viúva D. Ana Souza Santos, muito chorosa e desgotosa não quis continuar morando na sua fazenda Muquêm.

Combinou com os filhos e comprou uma casinha de palha e um mundo de terra que é hoje a fazendas Cais. No ano de 1852 ela reformou, fazendo uma casa grande ao seu gosto. A atual casa do Cais, sofreu diversas reformas. Na parede da sala de jantar, contígua à atual Capela havia um grande confessionário que ocupava toda extensão da parede, confeccionado de tábuas estreitas envernizadas, cruzadas umas às outras. Um grande tablado colocado na grande sala ao lado esquerdo, onde as moças trabalhavam fazendo renda de almofada.

Na parte baixa da casa um grande porão, Mais além na Senzala um tronco para prender os escravos.

Um grande cepo de madeira, atrás da porta que dá para a sala de visitas. Dizem que este cepo o velho Manuel Ribeiro Soares o possuía para quando chegasse algum moço, antes de ele ir recebe-lo, puxava-o com o pé para fechar a porta que dava para a sala de visitas, a fim de as moças não irem espiar os moços visitantes. Até no ano de 1923 este cepo estava lá. Na capela que ainda existe, o padre Tertuliano, filho de Manuel Ribeiro Soares celebrou sua primeira missa de Ordenado e muitos outras.

D. Ana (Donana) mandava sempre celebrar missa. Havia batizados casamentos etc.

Contam que nessas missas o pessoal se trajava tão decente como se fosse para uma festa na cidade. D. Ana trajava vestidos de muitas rendas, buziquins e um fixu preto na cabeça.

D. Ana Souza Santos tinha uma promessa de todo mês de setembro ir a igreja de Monte Alegre visitar nossa Senhora das Dores, santa de sua devoção.

Saio da fazenda Caius com todos os filhos, numa leiteira – Uma espécie de carroça com 4 rodas de madeira, um grande assento bem acolchoado, uma cobertura de pano, para proteger-la contra o sol e a chuva. Ela era muito gorda. Este transporte era puxado por dois burros, ou pelos escravos.

Voltando de Monte Alegre. (Hoje Mairi) parou na estrada numa baixa, local hoje, onde está situado o coreto, para almoçar; levavam comida pronta. Depois do almoço falou assim para seu filho mais velho o Manuel Ribeiro Soares: Meu filho, já estou velha e cansada de viajar para Monte Alegre, seria tão bom construirmos aqui, nesta baixa uma capela. O filho replicou: aqui minha mãe, nesta baixa tão grande? Ela respondeu: SIM. Isto foi no mês de setembro de 1855. Seguiram viagem para o Cais. O filho pensou que sua mãe logo esqueceria a idéia. No dia seguinte, pela manhã ela disse: Meu filho, minha capela naquela baixa que lhe falei? parecia uma revelação – imediatamente os escravos, mandou-os desbravarem as matas, preparando a areia iniciaram a areia iniciarem a construção da capela. E a velha Ana foi ver o trabalho. Neste interin aparece o maniquim de Ana e lhe disse: Minha irmã, isso aqui não dá certo, nesta baixa, não dá, faz é confusão. O Maniquim chamava Manuel e mostra-lhe uma planície mai além. D. Ana disse: Lá não serve, construa aqui mesmo meu filho, e ficou impaciente.

O filho obediente satisfaz a vontade de sua mãe.

Manuel, finalmente construiu a a capela na baixa mesmo e o cemitério ao redor. neste local encontra-se atualmente a Igreja Matriz de Baixa Grande.

O povo dizia que a igreja era torta, mas o Manuel Ribeiro Soares combatia, dizendo que tortas eram as ruas.

Construída a capela no ano de 1860 faltava-lhe uma padroeira. Aconteceu porém passar pela fazenda Cais uns padres franceses que estavam angariando donativos para a construção de um Seminário na Bahia (Salvador). Não se tem certeza se será o velho seminário Santana que fica na rua do Sodré.

O primeiro seminário da Bahia se chamava SÃO DÁZAMO, o 2º foi no Convento da lapa, o 3º é o Seminário “Santa Tereza”, e finalmente o da federação.

D. Ana hospedou-os no cais, trato-se muito bem e pediu-lhes que comprassem uma imagem de Nossa Senhora das Dores para ser a padroeira da capela construída, lá na baixa grande.

Passado alguns tempos, chega em Feira de Santana um caixote contendo a imagem de Nossa Senhoras das Dores, adquirida na França, pela quantia de cinco mil reis, em agosto de 1861. D. Ana Souza Santos ficou radiante e tratou de mandar buscá-lo. O caixote foi transportado na cabeça de homens, a pé, de Feira de Santana até a fazenda Cais, numa distância aproximada de 120 quilômetros. Não se sabe ao certo quantos dias levaram nesta penosa viagem.

D. Ana contentíssima, abriu o caixote, mandou retirar a imagem, achou-a bem alta e bonita. Imediatamente tirou de suas orelhas um lindo bar de brincos, bem compridos, contendo 5 pingentes em cada um e todos cravados de brilhantes, e os colocou nas orelhas da santa. Estes brincos foram roubados no ano de 1900 por um soldado.

Passado uns dias D. Ana avisou ao pessoal da fazenda Cais e arredores que iria fazer uma profissão a pé saindo do Cais levando a imagem de Nossa Senhora das Dores, até o altar da Capela de Baixa Grande. D. Ana também acompanhou a pé, num trajeto de dois dias.

A capela foi construída no ano de 1860 e criada a freguesia pela Lei Providencial nº 1.195 de 26/04/1972 sendo seu 1º vigário Antônio Carlos de Ângelo, que Manoel Ribeiro Soares transferiu da Igreja de Capivari para a Capela construída.

O município e a vila de Baixa Grande foram criados pela resolução Providencial 20502 em 17/07/1885 assinado pelo presidente Dr. José Luiz de Almeida Couto e também desmembrou do município de Santana do Camisão. O arcebispo Primaz nesta época era. D. Manuel Joaquim da Silveira.

D. Ana depois de muitos anos de viúva casou-se com o Sr. José Fagundes. Viveu somente 2 anos, teve uma filha Maria Alexandrina conhecida por D. Pomba da fazenda Patos, mãe de João de Souza Santos.

D. Ana era uma mulher exemplar, carinhosa, religiosa, fazia muitos jejuns e mortificação e dizem que ela usava cilício para se mortificar.

Depois de tudo isso D. Ana se preparou para morrer. Ela dizia sempre que sua morte seria num sábado e aconteceu mesmo. No sábado de sua morte chamou os filhos e disse para Manoel:

“Meu filho vou morrer, entrego-lhe minha capela, zele dela e do cemitério e faça tudo que eu queria fazer e não posso mais”... E ele atendeu ao pedido de sua mãe.

A fazenda Cais fica no município de Baixa Grande, foi passada por herança a alguns da família Ribeiro Soares e Pamponet.

Ultimamente pertencia a D. Alice Pamponet Soares viúva do Dr. César Ribeiro Soares que lá residia até sua morte, ocorrida no dia 19 de outubro de 1976.

= = = = =

B I O G R A F I A - Manoel Ribeiro Soares

O Tenente Coronel da Guarda Nacional – MANUEL RIBEIRO SOARES, foi o legítimo fundador da cidade de “BAIXA GRANDE”.

O reconhecimento do valor de um homem, deve ser propalado, imitado, admirado e reconhecido.

MANUEL RIBEIRO SOARES, nasceu a 13 de março de 1831 na fazenda Muquêm, propriedade de seus pais, José Ribeiro Soares e Ana Souza Santos. Fez seus estudos durante 5 anos na cidade de cachoeira. Era Tenente Coronel da Guarda Nacional usava farda, espada e boné, sentiu-se orgulhoso em possuí-las. Em família chamava de Pai BERO.

Como político era muito compreensível e benevolente. Homem robusto, muito brincalhão, preocupava-se muito com os menos favorecidos pela fortuna. Inabalável nas suas convicções. Possuía grande fortuna.

Ida sempre a Salvador/Bahia, tratar de política. Saía da Fazenda Cais a cavalo até Cachoeira, lá tomava o vapor para Salvador.

Casou-se na fazenda Moce em São Gonçalo dos campos, com a Srta. Maria Ignes, no dia 18 de maio de 1851, filha do casal José Souza e Maria José Souza, conhecida por Ioio e Iaia, ambos naturais da cidade de São Gonçalo dos campos. MANUEL RIBEIRO SOARES era irmão de JOÃO BATISTA RIBEIRO. Casaram-se dois irmãos com duas irmãs.

Deste consórcio vieram-lhes 10 filhos, sendo o mais velho o Pe. Tertuliano, que celebrou a sua primeira missa de ordenado na Fazenda Cais, propriedade de

seus pais. Foi alguns anos vigário de Baixa Grande, sendo transferido para Orobó (hoje Rui Barbosa), faleceu em Orobó com 61 anos de idade, a 12 de agosto de 1904 foi sepultado lá mesmo.

MARIA IGNÊS (sinhasinha) esposa do Cel. João Batista R. Pamponet ex-dono das fazendas – Grande Vista e Tigui. Os Pamponet recebeu a Sismaria que ia até Rui Barbosa e deu origem a cidade de Rui Barbosa.

João Batista Ribeiro Pamponet teve 6 (seis) filhos, Deolino, Maria, Ana, Eliza, Antônio e Alice. Faleceu ainda moço na sua fazenda – Grande Vista, sepultou no cemitério de BIAXA GRANDE.

Os outros filhos de Manuel Foram: - Balbina (Iaia) esposa do Dr. Ângelo Ribeiro Soares, sobrinho do velho Manuel. – D. Júlia esposa do Dr. Alexandre Souza. – Etelvina esposa de Simpliciano Souza, - Isaura esposa de Deocleciano Santos, e Odilan, Otávio, Pite, Aguida, todos casaram.

Manuel Ribeiro Soares, depois de ter construído a capela no ano de 1860, idealizou fazer ai, um povoado, que levaria a cidade, o que conseguiu, enfrentando os obstáculos, trabalhando sozinho sem ajuda monetária de outrem.

Dizem qu as primeiras casas construídas foram uma casinha e uma venda de Candido Saback, onde está hoje a casa de Nelson Borges. Já havendo habitantes no povoado e a capela ainda sem vigário, o Manuel Ribeiro Soares conseguiu transferir o vigário Antônio Caldas de Albuquerque Angolo da freguesia de Capivari para a capela construída, no ano de 1872.

As terras onde foi edificado o povoado é atualmente é a cidade de Baixa Grande, pertence a sua genitora D. Ana Souza Santos. Baixa Grande pertenceu a Camisão, (hoje Ipirá).

Em 2 de julho de 1885, Manuel Ribeiro Soares conseguiu das autoridades, criar o município com termo judiciário. O 1º Juiz municipal foi o Dr. Otávio Pinto da Rocha. Foi também criado a lei da multa, antes não havia multa e sim cadeia.

Pela Resolução Presidencial do – Presidente JOSÉ LUIZ DE ALMEIDA nº 2.502 de 17 de julho de 1885 o município de Baixa Grande, foi desmembrado do de Santana de Camisão.

Passados alguns tempos, depois da morte de sua mãe Ana Souza Santos, seu filho Manuel Ribeiro Soares que era um homem religioso, tinha grande devoção com Nossa Senhora da Conceição, pensou e resolveu retirar a imagem de N. Senhora das Dores do altar-mor, e no seu lugar, colocou uma imagem de Nossa senhora da Conceição, ficando esta, sendo a padroeira da cidade. É justamente a que está até hoje no altar-mor.

Esta imagem veio da França. Tinha uma linda coroa de ouro, foi roubada e Manuel Ribeiro Soares comprou outra. A imagem custou 3 mil reis.

A capela de Baixa Grande recebeu diversos presentes.

O crucifixo do altar-mor foi presente de Maria Ignez, esposa de Manuel Ribeiro Soares.

O Sino – Oferta de Felisberto Ribeiro Soares, irmão de Manuel Ribeiro Soares.

Senhor dos Passos – Oferta do fazendeiro Manuel Camilo, grande amigo de Manuel, a quem este lhe pediu uma lembranças para a igreja.

Coração de Maria – Oferta da família Miranda.

Nossa Senhora da Vitória – Oferta do Pe. José Martins da Silva, que foi vigário de Baixa Grande até a sua morte no ano de 1930.

Santa Terezinha – Oferta de D. Ursula Figueredo (Nasinha).

Senhor Morto – Oferta de um dos primeiros vigários de Baixa Grande, o padre de Alcântara.

Os lustres – Oferta de D. Isabel Tude de Souza.

O cálice, a âmbula e paramentos de pedras foram dados ao Pe. Tertuliano pelo seu tio João Batista Soares, irmão de Manuel Ribeiro Soares, dizendo que os oferecia era para o sobrinho dele.

São José – oferta da família Carneiro.

São Roque – Oferta da família Miranda.

Como já foi dito Manuel Ribeiro Soares construiu a igreja e o cemitério ao redor, criou a cidade de Baixa Grande no ano de 1885.

Trabalhou muito e não teve auxílio monetário de ninguém. Foi chefe político até a sua morte em 1907. era possuidor de grande fortuna, gastou tudo em benefício de Baixa Grande, morreu. Sofria de reumatismo, tomou remédio em grande dose.

Faleceu a 18 de fevereiro de 1907 com 76 anos, na sua fazenda Cais e foi sepultado no cemitério de Baixa Grande, ao lado de sua esposa Maria Ignez, falecida a 3 de março de 1906. para este fim havia reservado lugar no cemitério.

É lamentável a um homem que tanto fez por esta terra, não ter recebido em vida o reconhecimento de seu sacrifício. A ingratidão pesou sobre ele, e nem sequer colocou seu nome em uma das ruas desta cidade.

Somente agora seu sobrinho o Dídimo Ribeiro Soares mandou fazer em S. Paulo um quadro com o retrato que será colocado na Prefeitura de Baixa Grande.

= = = = =

AS PRIMEIRAS FAMÍLIAS DE BAIXA GRANDE APÓS SUA FUNDAÇÃO

Família Saback – Na década de 1863 chegou em Baixa Grande o Sr. Joaquim Saback, esposa e outros, vindo de Feira de Santana, mascateando miudezas. O velho Manuel R. Soares os recebeu mui gentilmente; cedeu para eles se alojarem com as miudezas. Passado meses, chega mais gente umas 60 pessoas. Eram judeus que mal falavam o português. Eles não comiam carne de porco. Naquele tempo chamavam de forasteiros. Manuel Ribeiro Soares os apoiou. Passados tempos eles começaram a se introduzir na política dando seus apertes. O jovem Antônio Pamponet, sobrinho de Manuel soube do que eles estavam planejando e avisou ao velho Ribeiro. Este respondeu ao sobrinho: “Baixa Grande é para todos”.

Certo dia o Antônio, rapaz um tanto violento, juntou-se ao Sr. Olivo Tude, ao Sr. Fontoura e outros, fizeram uma farra de cachaça e botaram os Saback para fora, juntamente ao Pe. Fizeram uma confusão e iam levando todos de pé e a cavalo para Camisão.

O Manuel Ribeiro estava na fazenda Cais e alguém foi lá avisá-lo do que havia acontecido. Ele surpreendido saiu a cavalo à procura do pessoal e a encontrou no caminho. Pediu ao pessoal que voltasse. Ele não quis e respondeu: “Nós vamos e processar”.

O Dr. Ângelo Ribeiro Soares, advogado, era genro de Manuel Ribeiro Soares, e depois de muito trabalho conseguiu amparar a causa, rasgando o processo.

O processo voltou a todos residiram por muitos anos em Baixa Grande. O Antônio Pamponet se desgostou, foi embora e disse que nunca mais voltaria e nem mandava notícias, o que fez mesmo.

O rapaz João Inácio de Oliveira – Veio de Feira de Santana residir em Baixa Grande. Casou-se com a Senhorita Emília Saback e tiveram 5 filhos: D. Evangelina Saback esposa do Sr. Anésio Marinho Fernandes, foi Coletor de Baixa Grande 30 anos. Aposentado com D. Zenaide.

João Saback de Oliveira – conhecido por Maninho Saback, abastado fazendeiro, casado com D. Amélia Saback.

Amadeu Saback de Oliveira – Esposo de D. Laura Martins, grande negociante de fumo.

Mario Saback de Oliveira (Nono) – esposo de D. Rita Bahia filha do 1º casal do Sr. Bernadino Bahia.

D. Claudionor Saback (Cadinha) – esposo do Sr. Arnaldo Pacheco Cohim negociante de fumo.

Todos eles filhos de Baixa Grande

Família Miranda – Chega em Baixa Grande no ano de 1863 um casal vindo de Lavras Diamantina (Lençóis). Era o Sr. Inácio Miranda, sua esposa D. Maria Rosa de Queiroz Miranda e seus filhos, professora Belinha, Amélia, Rosinha, Adelina, Rosalvo e Alfredo. Aqui chegando montou uma venda. Era um homem calmo, paciente, todos o apreciavam, sua esposa ao contrário um tanto vexada. Trabalhava ambos na venda.

Família Boaventura – Natural de Almas distrito de Feira de Santana, o Sr. Manuel Augusto Boaventura, casou-se com D. Umbelina Pamponet e residia na fazenda Caldeirão Encantado, tiveram 5 filhos: Arnould, Artur, Hergeu, Antenor. Almiro, todos casaram.

Família João Batista Ribeiro Soares – Era irmão do fundador de Baixa Grande, nasceu na fazenda Muquêm, casou-se com D. Ignez Maria na Fazenda Mace em São Consalo dos Campos. Convém lembrar que a esposa de Manuel Ribeiro Soares era irmã da esposa do Cel. João Batista Ribeiro Soares. Cassaram-se dois irmãos com duas irmãs, no ano de 1842.

João Batista Ribeiro Soares veio residir em uma das suas fazendas a Faceira, hoje Uruçaina, no município de Baixa Grande.

Deste consórcio vieram os seguintes filhos: Dr. Ângelo Ribeiro Soares, casado com D. Balbina (Iaia) tiveram 3 filhos: Dr. César Ribeiro Soares, esposo de D. Alice Pamponet Soares, não tiveram filhos.

Dr. Bricio Ribeiro Soares – casado com D. Laura Souto Soares, tiveram um filho, Deputado Estadual Dr. João Souto Soares (médicos). Existe uma cidade com o nome “SOUTO SORES” em homenagem a ele.

D. Amália – esposa do Sr. Otacílio Almeida Gomes, tiveram dois filhos, morreram pequenos.

D. Eliza Soares de Souza – esposa do Cel. João Job de Souza, abastado fazendeiro, residiu 9 anos em sua fazenda Guarani, depois fixou residência em Baixa Grande. Desse enlace tiveram 5 filhos: Daniel, Leonel, Jonas, Judith e Inácio.

Sr. Joviniano Ribeiro Soares, casado com D. Ana Borges Novais Soares, natural da cidade de Remanso, tiveram os seguintes filhos: Flávio, Angélica, Otacília, Dario, Jane, Jovina, João e Dídimo – residia na fazenda faceira e sua propriedade.

Sr. Jovino Ribeiro Soares morreu jovem com 21 anos.

Sr. Antônio Ribeiro Soares (Totonho) teve 3 filhas: Graceliana, Ismael e Jovita com a sua companheira de nome Odilia.

Ana Soares Sampaio, esposa do Sr. Manuel Ribeiro Sampaio negociante na praça Capivari, residiram lá, tiveram 7 filhos: Cadizinho, Peminio, Etelvina, francisquino, Marocas, Filinto, Maria José (Zezé).

Da segunda família com a viúva Cassiana. O Sr. João Batista Ribeiro Soares, teve 5 filhos: Evaristo, Jovito, Cravin, Jardelina, Clarismunda (Iaia) todos casaram.

Ignácio Pereira de Souza, pai de João Job de Souza, era um homem muito calmo, possuía as fazendas Morrinhos, Jacu e Pedras, porém quem as administrava era a sua esposa Virginia, uma senhora dinâmica, entendia de fazenda. O seu esposo, edicava-se a construção de casas e capelas. Ele construiu na sua fazenda pedras, Hoje Italegre, o cemitério e também a igreja do Amparo de N. S. dos Aflitos.

Ignácio Pereira de Souza foi sepultado no cemitério das Pedras.

Pedras e Viração são os povoados mais velhos que Baixa Grande.

Família José Presídio de Figueredo – Ainda bem jovem veio da sua terra natal Riachão do Jacuípe, se estabelecer em Baixa Grande. Anos depois casa-se com D. Zefinha, filha de pais abastados, deste enlace vieram os seguintes filhos: ester esposa do dr. Antônio Veloso, Judicael, Agenor, José Presídio Filho, Nicanor General do Exército, reside no Rio de Janeiro.

Família – José Sabino da Silva – Casado com D. Belarmina, ele grande negociante na praça, tiveram os seguintes filhos: - Orlando, Lauro, Stela, Babi, Olga, todos casados.

Outras muitas famílias vieram e residiram em Baixa Grande.

= = = = =

INTENDENTES E PREFEITOS DE BAIXA GRANDE – de: 1885 a 1977

Os senhores Dídimo Ribeiro Soares e Flandu Alves Campos – ex-secretário e ex-tabeleão da Prefeitura, dizer que é possível haver falhas nas datas e relação dos prefeitos em virtudes de não encontrarem nos livros da Prefeitura de Baixa Grande.

Rememorando o passado dos governantes estamos exaltando suas atividades.

O primeiro Intendente de Baixa Grande foi o seu fundador o Cel. Da Guarda Nacional MANUEL RIBEIRO SOARES.

1º Intendente – Manuel Ribeiro Soares	1885 a 1889
2º Intendente – David Ribeiro Saback	1889 a 1893
3º Intendente – João Lucio de Oliveira	1894 a 1898

Do ano de 1898 a 1900, não foram encontrados no cartório de Prefeitura, os nomes, nem datas dos dirigentes de Baixa Grande. No ano de 1906 por perseguição política do Senador Abraão Cahim o município de Baixa Grande, foi suspenso de sua Sede, transferida para o povoado de Santa Luzia do Lajeto (hoje Macajuba) com topônimo e vila Capivari.

Em 1910 restaurou-se o município de Baixa grande, desanexando seu território do de Capivari.

Em 1912 Baixa Grande voltou a distrito único (duas vezes). Dessa época para cá, foram eleitos os seguintes Senhores Prefeitos:

1º Prefeito – Vitor Carneiro da Silva	1912 a 1916
2º Prefeito – José Presídio Ribeiro Soares	1916 a 1918
3º Prefeito – Dr. César Ribeiro Soares	1918 a 1920
4º Prefeito – Manuel Domingos de Amorim	1920 a 1924
5º Prefeito – Carmerindo Ribeiro Saback	1924 a 1928
6º Prefeito – Rosalvo Miranda da Silva	1928 a 1930

Este último não completou sua gestão devido a revolução de 1930.

O Interventor Landulfo Alves, achou de suprir o município de Baixa Grande, fazendo sub-prefeitura. Esta atitude desgostou muitos seus habitantes.

Em 1931, o município foi novamente suspenso e incorporado ao território de Monte Alegre, onde foi criado uma sub-prefeitura, até o ano de 1933.

Naquele mesmo ano o município desmembra-se de Monte Alegre e restaurado a distrito único.

O Sr. Bianor Pamponet Suzart foi eleito Prefeito, não terminou o pleito, em virtude da implantação do regime ditatorial de 1937, no governo do Presidente Getúlio Vargas, quando se deu o golpe: entrando para governar o intendente José Presídio de Figueredo de 1938 a 1940. Infelizmente ele não terminou o mandato, faleceu em Baixa Grande em 1940.

Em agosto de 1924 no Governo do Dr. José Joaquim Seabra os arraiais de Pedra e Viração foram desmembrado do município de Monte Alegre e anexado ao Município de Baixa Grande.

Foram sucessores do Sr. José Presídio de Figueredo os Senhores:

Isalino de Queiroz Matos	1940 a 1942
Antenor Oliveira Souza	1942 a 1944
Manuel Oliveira Souza	1944 a 1946
Bianor Pamponet Suzart	1946 a 1950
Durval da Silva Miranda	1950 a 1954
Bianor Pamponet Suzart	1954 a 1958
Milton Pamponet Ribeiro	1958 a 1962
Raimundo Miranda Boaventura	1962 a 1966
Milton Pamponet Ribeiro	1966 a 1970
Durval da Silva Miranda	1970 a 1972
Milton Pamponet Ribeiro	1972 a 1974
Evandro Miranda Boaventura	1976.

O sr. Evandro Miranda Boaventura eleito no último pleito de 1976 e o vice-prefeito sr. Ubiramir Kunh Pereira, os nossos votos de muito êxito na sua administração.

Nas ultimas décadas Baixa grande tem se melhorado, graças a boa vontade de seus governantes.

O Sr. Milton Pamponet Ribeiro foi eleito 3 vezes e nestes período construiu o mercado, a Prefeitura, o Posto Médico, o Hospital Maternidade equipado, e muitas outras befeitorias aqui não citadas.

Sr. Durval da Silva Miranda, eleito duas vezes, construiu 2 salas de aulas com dependências sanitários, no fundo do prédio PLÍNIO TUDE DE SOUZA> Fez serviço de terraplanagem, aterro, meio-fio, calçamento e jardim.

O sr. Raimundo Boaventura – 1962 a 1966 fez calçamento.

Os seus dignos governantes dêem continuidade a orientação aos problemas desta terra.

As gerações presente e as gerações futuras possibilitem melhor orientação no setor educacional, econômico, político e religioso desta cidade.

O inabalável dever de preservar a ordem, a firmeza nas difíceis situações, o agir com o “coração do quem a razão” são sentimentos que enaltecem quem os pratica.

= = = = =

VIGÁRIO DE BAIXA GRANDE 1872 a 1977

Primeiro vigário – Pe. Antônio Carlos D’ Antônio Carlos D’Argola 1872 a 1885. tomou posse a 2 de julho de 1872, prestando juramento em mão do ver. Paróco colado a freguesia de Nossa Senhora das Dores de Monte Alegre, Pe. Raimundo Teles de Menezes. Em 09 de setembro de 1872 fez concurso para esta freguesia e foi aprovado com 17,5 pontos, e foi escolhido pároco colado em 28 de dezembro de 1872, por sua Magestade imperial D. Pedro II, recebendo em 1º de agosto de 1973, por procuração passada ao Pe. Pedro dos Santos, referido benefício.

Segundo vigário – Pe. Marcelino Nunes de Castro 1885 a 1894. Tomou posse a 11 de outubro de 1885. Em 22 de agosto de 1886 foi bento e inaugurado o cemitério da capela de Viração foi construído pelos esforços de Pe. Marcelino. A 18 de janeiro de 1886, na ocasião da Eleição Geral, foram roubadas a imagem da Conceição de Capela de Viração, uma coroa grande de prata, galvanizada de ouro, com o peso de 64 ½ oitavos, e os seus brincos de brilhantes pelo ex-praça Daniel de Aragão.

Terceiro Vigário – Pe. Alcântara de Albuquerque 1894 a 1926. Tomou posse a 24 de julho de 1894. Visita pastoral pelo senhor Arcebispo D. Jerônimo Tomé da Silva, em 3 de outubro de 1893.

Quarto Vigário – Pe. José Martins da Silva – 1906 a 1930. Tomou posse a 8 de setembro de 1906. Nasceu a 18 de outubro de 1850 e faleceu a 9 de agosto de 1930, na cidade de capivari e foi sepultado na igreja de Santa Luzia – hoje Matriz. Houve uma procissão popular, pregada pelos missionários Franciscanos Frei Eduardo Herberhvald, Frei José e Frei Miguel, de 15 de abril de 1907 até 21 de 1907 do mesmo mês, e de 22 a 28 de abril na capela de Santan Luzia de capivari (Macajuba). Em 21 de setembro de 1909 o cônego José Maria da Conceição fez visita pastoral como visitador diocesano.

Quinto Vigário – Pe. Arnaldo Augusto de Castro 1931 a 1933. Tomou posse a 18 de fevereiro de 1931. Em 22 de abril de 1931 D. Augusto Álvaro da Silva, Arcebispo da Bahia, fez a visita pastoral em baixa grande, acompanhamento pelos missionários Capuchinhos Frei Ângelo de Manterrubiano, e Frei Pedro Crispiero.

Sexto Vigário – Cônego José Dias D’Afonso, vigário de Mundo Novo e vigário econômico de Baixa Grande – 1933 a 1935. tomou posse a 17 de março de 1933.

Sétimo vigário – Pe. Galdino da Rocha Passos, 1935 a 1939. Tomou posse a 17 de março de 1935 e ficou até 22 de dezembro de 1939.

Oitavo vigário – Pe. Francisco Freitas, vigário de Monte alegre e vigário de Baixa grande – 1940 a 1941. Tomou posse a 24 de fevereiro de 1940. A 8 de dezembro de 1941 o Ver. Pe. Adherbal Saback Miranda, celebrou sua primeira missa solene em Baixa Grande, sua terra natal.

Nono vigário – D. Adabe Aloísio Wiesinger O. C. – 1941 a 1942. Tomou posse a 18 de fevereiro de 1941.

Décimo vigário – Pe. José de Souza Neiva – 1944 a 1948. Tomou posse a 12 de março de 1944.

Décimo primeiro vigário – Pe. Tridolino Glasauer O. C. – 1948 a 1951. Tomou Posse a 6 de janeiro de 1948.

Décimo segundo vigário – Pe. José Leopoldo Haslinger – 1951 a 1955. Tomou posse a 27 de abril de 1951. Era vigário de Monte Alegre e vigário econômico de Baixa Grande. Durante seu governo a capela de Macajuba ficou uma reitoria independente provida pelos padre do Mosteiro de Jequitibá.

Décimo terceiro vigário – Cônego Alcides Cardoso, vigário de Ipirá e vigário econômico de Baixa Grande – 1955 a 1957. Tomou posse a 31 de julho de 1955.

Décimo quarto vigário – Pe. Moisés Rodrigues Pereira – 1967 a 1969. Tomou posse a 4 de maio de 1967.

Décimo quinto vigário – Pe. Francisco Buchstege – 1969 a 1970. Tomou posse a 8 de fevereiro de 1969. Viajou em julho para a Alemanha, voltando em janeiro de 1970 para a Diocese de Joinville de onde tinha chegado.

Décimo sexto vigário – Pe. Amadeu Vacondio e Pe. Pedro Luiz Grizelli – 1971. Tomou posse a 8 de abril de 1971. Em 28 de abril de 1973 Pe. Amadeu Vacondio Voltou para a Itália e para seu lugar veio Pe. Fortunato Monelli, que juntamente com Pe. Pedro Luiz Grizelli trabalhavam na paróquia de Baixa Grande desde 1973. As 5 capelas de Baixa Grande – capela de San-Cruz do Monte, em Baixa Grande. Capela de São José, Capela de São João da Viração, Capela de mandacaru. Recentemente estes padres administraram mais duas outras capelas – a do Senhor do Bom Jesus dos Mártires em Itaipava, pertence a paróquia de Monte Alegre. A capela na vila de Pintadas, que pertence a paróquia de Ipirá. Aos 28 de agosto de 1975 tomou posse na Catedral de Rui Barbosa e novo Bispo da Diocese D. Matias Smith, monge Beneditino. – Nasceu nos Estados Unidos, tem 45 anos. Reside no Brasil desde 1951. Foi Bispo Auxiliar em Goiás no ano de 1972. transferido para Rui Barbosa, passou em Baixa Grande e deu a 1ª. Saudação ao povo, no dia 27 de agosto. As arquidiocese de Salvador, Rio e Olinda, foram as primeiras cidades do Brasil onde residiu um Bispo. Em novembro de 1974 esta Arquidiocese festejou seus 300 anos de vida. De 8 a 12 de novembro realizou-se em Rui Barbosa uma assembléia geral de padres, religiosos leigos, representantes das paróquias. Foi revisionado todo trabalho das próprias, discutido a respeito dos trabalhos e das atividades a serem tomadas no próximo ano.

Nos meses de setembro e outubro, nos deu o prazer de sua visita o Pe. Amadeu Vacondio que já havia residido entre nós. Viajou para a Diocese de

Roggio Emilia em visita aos padres italianos que trabalhavam na Bahia. Atualmente é coordenador da cooperação entre as dioceses de Roggio Emilia – Itália e Rui Barbosa Bahia. Em virtude de seus pais serem idoso e doentes, e necessitava de sua assistência, o Pe. Amadeu não pode mais voltar a Baixa Grande, como vigário da paróquia. O Pe. Fortunato regressará a Itália não se sabendo se voltará à assumir a paróquia de Baixa Grande. No quilometro 4 – vem se realizando de 15 em 15 dias um curso bíblicos de catecismo com a participação de 40 jovens orientados pelo Sr. José Bispo, e a Profa. Margarida Ribeiro de Souza. Em dezembro haverá a 1ª comunhão para estes jovens que freqüentam o curso. O emblema do curso continua sendo: “JUNTOS COMO IRMÃOS”.

= = = = =

O MUNICÍPIO DE BAIXA GRANDE

Nas terras pertencentes a viúva D. Ana Souza Santos, foi iniciado o povoado e atualmente está a cidade de Baixa grande, fundada pelo seu filho coronel da Guarda Nacional, MANUEL RIBEIRO SOARES.

No ano de 1872 pela Lei Providencial nº. 1.195 o dito arraial foi elevado à freguesia, consagrado a Nossa Senhora da Conceição. O distrito de Baixa Grande criou a mesma Lei que instituiu a freguesia. Pela resolução Providencial nº. 2.502 de 17 de julho de 1985 assinado pelo Presidente Dr. José Luis de Almeida Couto, foi criado a Vila de Baixa Grande e também o município desmembrado do de Santa Ana do Camisão. O município foi suspenso em virtude da lei estadual nº. 640 de 12 de maio de 1906. Sendo sua sede transferida para o povoado de Santa Luzia do Lajedo, com o topônimo de Vila de Capivari.

A lei Estadual nº 806 de 28 de julho de 1010 restaurou o município de Baixa Grande, desanexando o seu território do de Capivari (hoje Macajubas), A medida teve lugar devido a veemência com que os habitantes pugnam pela interação dos seus direitos políticos, cabendo a promulgação do ato ao Dr. Araújo Pinho então Governador do Estado. Na divisão administrativa do Brasil concernentes a 1911, Baixa Grande é distrito único do município do mesmo nome, reinstalado a 1º de janeiro de 1912.

De conformidade com os quadros de apuração do recenseamento geral de 1º de setembro o município em apreço permanece constituído de um só distrito – o de igual topônimo. Por força do Decreto estadual nº. 7479 de 08 de julho de 1931 foi novamente supresso o município de Baixa Grande, cujo território se incorporou ao de Monte Alegre (atual Mairi) sendo criado naquela localidade a subprefeitura de Baixa Grande. Em virtude do Decreto nº. 8753 de 31 de maio de 1937 foi novamente o seu território desmembrado do de Monte Alegre, restaurou-se o município de Baixa Grande, novamente reinstalado em 23 de julho do mesmo ano. Na divisai administrativa referente a 1933 e nas territoriais datadas de 31 de julho de 1936 e 31 de julho 1937, como também no quadro anexado ao Decreto Lei estadual nº. 11.089 de 30 de novembro de 1938. Em consequência do Decreto-Lei Estadual nº. 141 de 31 de dezembro de 1943 que fixou o quadro teritorial do estado, vigente no quinquênio de 1944 a 1948 – o município de Baixa Grande e Macajuba (ex-capivari) está, transferido do extinto município de Capivari. O Decreto estadual nº. 12.978 de 1º de julho de 1944 que retificou o mencionado Decreto lei nº 141 desligou o distrito de Macajuba de

Baixa Grande nesse quinquênio, constituído novamente apenas pelo distrito sede. Nas divisões territoriais seguintes e até a vigente, no quinquênio 1954 a 1958. Resultante da Lei nº 628 de 30 de dezembro de 1953, o município é constituído.

LIMITES DE BAIXA GRANDE

Baixa Grande limita-se ao norte com a freguesia de Monte Alegre (Mairi). Ao Sul com a freguesia de Itaberaba e Rui Barbosa. A leste com freguesia de Ipirá. A Oeste com a freguesia de Mundo Novo. Atualmente Baixa Grande não se limita mais com Itaberaba, Rui Barbosa e Macajuba. Os limites primitivos eram os seguintes: principiando ao norte da fazenda São Gonçalo inclusive: e desta fazenda, na mesma direção do Norte, a encontrar o rio Caruaru e por este abaixo, até a fazenda Bom Sucesso inclusive. Daí, em linha reta para o Sul, compreendendo as fazenda denominada Santa Rosa, Sítio, Tiririca, e poeira, Paraibuna e Bonita: e desta, em linha reta e na mesma direção do Sul a encontrar a serra de Macajuba e em desta, em linha reta, para o poente, até a fazenda Aldeia, inclusive. Daí pela estrada Lajedinho, Viração, Mandacaru a encontrar a dita fazenda São Gonçalo, donde começaram os limites. (Isto foi tirado do livro de Registro de leis e resolução da Assembléia Legislativa Providencial – 1971 a 1874 – páginas 13v e 14).

O prefeito José Presídio de Figueredo requerendo a revisão dos limites do município de Baixa Grande anexando PEDRAS.

A área do município de Baixa Grande 1076 9 /2

POPULAÇÃO

No recenseamento de 1970 a população de Baixa Grande era de 16.983 habitantes sendo 2.124 urbano e 14.859 rural.

ACIDENTES GEOGRÁFICOS

Topografia plana ao Sul e sudeste, ligeiramente acidentado no norte e nordeste. O município é constituído de terrenos férteis, de matas e a maioria de caatinga. Situa-se no maciço do atlântico e suas serras fazem parte dos ramos da serra da Mantiqueira. As serras são de pequena elevação, prestam-se à agricultura e pastagens. As principais serras são: Do Cesto, Do Cais, Jataí e a do Vento.

RIOS

È o município banhado pelos rios periódicos: O Cairú, O Jundiá, o Paulista.

AÇUDES

Há 2 açudes, um público com a capacidade: para 44,16m³, fica no entroncamento com a estrada de Mairi com Baixa Grande construído na gestão do Sr. Bianor Pamponet Suzart. E outro particular para 40.172m³.

CLIMA

Saudáveis e sadio, em certas épocas do ano, quente, pois a cidade está situada no polígono das secas.

FESTAS RELIGIOSAS

A principal é a de Nossa Senhora da Conceição, Padroeira da Cidade, que se realiza a 8 de dezembro.

A festa de São Roque – de grande animação, celebrada a 16 de agosto.

FESTAS POPULARES ANTIGAS

O Batalhão de Mouro, argolhina, terno de Rei, atualmente o carnaval e muitos bailes. O novo Clube “5 de março” está no término da sua construção.

ESCOLAS

Baixa Grande possui na sua Sede 1 Ginásio em funcionamento, onde à noite funciona o curso do 2º grau. Um outro Ginásio em construção. No Centro Educacional de Baixa Grande, anexo ao Prédio “Pliniu Tude de Souza”. Existem 3 escolas estaduais, 30 escolas municipais (duas na sede). Nas escolas estaduais funcionam 14 classes assim distribuídas:

1ª Série	6 classes	143 alunos
2ª série	4 classes	81 alunos
3ª série	3 classes	70 alunos
4ª série	1 classe	26 alunos

Estão matriculados nas escolas municipais 1.476 alunos obedecendo a seguinte distribuição:

1ª série		1.002	alunos
2ª “	234	“	
3ª “	166	“	
4ª “	74	“	

a escola Paroquial funciona com 28 alunos da classe de alfabetização. Estas crianças não freqüentaram outras escolas, são crianças pobres.

O Gonásio CENEC funciona com 5 classes:

5ª Série	2 classes	53 alunos
6ª “	1 “	50 “
7ª “	1 “	29 “
8ª “	1 “	20 “

há no município 32 postos do MOBREAL com a matrícula de 811 alunos. A escola funciona no Salão da Igreja Matriz para crianças pobres da cidade. A responsabilidade está num grupo de cristão que tomaram a iniciativa. A escola funciona a tarde e irá até 19 de dezembro. O município de Baixa Grande possui um bom número de prédios escolares nas roças. É motivo de louvor para seus administradores. São estas as escolas:

Escola Santa Rita - Umbuzeiro
Escola “João Ribeiro Pamponet” - Fazenda Grande Vista
Escola “José Presídio” - Tabuleiro
Escola Ipiranga – Barracão
Escola “Durval da Silva Miranda” – Km 4

Escola "Sete de setembro" – Mulungu
Escola "José Ribeiro Pamponet" – Barraca
Escola Rui Barbosa – Fazenda Boa Vista
Escola "César Cotias" – Fazenda São Pedro
Escola "Carmerindo Saback" – fazenda Canavial
Escola "M. D. de Amorim" – Mandacaru
Escola "João de Deus Souza Santos" – Fazenda Boa Esperança
Escola "2 de julho" – Fazenda Lagoa do Cipó
Escola "Celestino Rios" – Brejo
Escola "José S. Oliveira" – Fazenda Amparo
Escola "Santa Cecília" – Fazenda Capim Branco

As gerações presentes e as gerações futuras possibilitem melhor orientação no setor educacional desta cidade.

SALA DE LEITURA

Com a participação e ajuda de muitos conterrâneos e pessoa amigas, foi possível inaugurar a 15 de agosto de 1975 uma sala de leitura nesta cidade. A idéia surgiu da necessidade de se acompanhar o povo desta comunidade no setor educação. As crianças, os jovens, os adultos não dispunha de um local para ler, fazer pesquisas e a estar a par de tudo o que ocorre no mundo. Hoje isso é possível, é só andar um pouquinho e estaremos diante dos livros didáticos, livros de cultura geral, revistas educativas, boletins informativos e jornais. Você que estuda, que se interessa pelo **- (Verificar final a página 23)**

que cada dia cresce mais e oferece melhores condições de vida aos que tem cultura, procure com freqüência esta sala de leitura.

Embora funcionando a bem pouco tempo, esta sala de leitura vem prestando grande serviço à nossa comunidade; além de centro de estudos e de pesquisas, é ai que fazemos encontros, palestras, cursos, reuniões, exposições etc...

Os primeiros livros destinados a esta sala de leitura foram enviados pelo General Nicanor Presídio de Figueredo, grande Baixagrandense que reside no Rio de Janeiro e se interessa pelo progresso da nossa terra. Dentre os livros que enviou, destaca-se (Os Sertões) de Euclides da Cunha obra de grande valor estimado e cultura. Também veio dele o nome desta sala: "CENTRO CULTURAL DE BAIXA GRANDE".

Foram muitos que nos ajudaram neste trabalho; a todos os nossos agradecimentos e o apelo de que continuem com a sua ajuda, pois, é através da cultura que chegamos ao progresso. "INSTRUÇÃO SEM EDUCAÇÃO é como uma ALAVANCA SEM PONTO DE APOIO".

JOVENS UNIDOS

Uniram-se nesta cidade, por intermédio de Pe. Amadeu Vacondio, formando grupo U.J.R. (União de Jovens Baixagrandenses) mesmo sem sede própria. Fazem as reuniões utilizando um salão da Igreja Matriz, onde são tratado os assuntos do mesmo. Este grupo tem como objetivo principal unir os jovens à sociedade e à religião, como também, ajudar a comunidade em sentido geral. Este grupo fez

várias campanhas como sejam: A campanha dos cobertores, dos filtros e festejavam o Natal da criança pobre. Construíram este ano uma pequena casa para residência de velho necessitado, à rua do Adôbo, nesta cidade. Festejaram também o dia da criança. Atualmente está organizando uma festa de larga que terá início no dia 3 a 8 do corrente mês (*dezembro*), em benefício da Igreja Matriz desta cidade. Este grupo está colaborando com a Associação Baixagrandense de assistencial aos velhos. A.B.A.V. e muitos outros benefícios prestados à comunidade aqui não citados. Estes jovens caminham juntos, visando o bem comum, e são responsável pela vida financeira do mesmo, contribuindo com uma caixa anual, para que após a organização interna paratam para trabalhos mais amplos, como a construção de uma Sede Própria.

CRIANÇAS ABANDONADAS

Em todo Brasil nas cidades grandes principalmente, encontram-se crianças abandonadas. Elas vivem sozinhas pelas ruas, fazendo daí o seu lar. Durante o dia estas crianças pedem esmolas, comem lixo, roubam, brigam, batem carteiras; à noite dormem nas calçadas, dentro de carros, nas estradas, nas casas sem tetos, sem agasalho. O número exato de crianças abandonadas no Brasil, não sabemos, mas é fácil avaliar o total considerando quem em São Paulo vivem 1.500, e no Rio de Janeiro cerca de 800.000. Na Bahia este problema aumenta dia a dia, Pensamos em quantas crianças que vivem com seus pais, uns não são orientados por eles. Faltam-lhes tudo; educação, higiene, cuidados, responsabilidades, a quem obedecer. São crianças órfãs de pais vivos. É preciso despertar as famílias para este problema. São os responsáveis pelos nossos filhos e pelos filhos de todos.

ASSOCIAÇÃO BAIXAGRANDENSE DE ASSISTÊNCIA AOS VELHOS

A.B.A.V.

A.B.A.V. é uma sigla não mais desconhecida entre nós. Significa: Associação Baixagrandense de Assistência ao Velhos. Foi fundada a 9 de fevereiro de 1972 ao começar a campanha da fraternidade, naquele ano. A Associação nasceu com a finalidade de amparar e ajudar os velhos desvalidos. A A.B.A.V. é constituída por uma Diretoria assim formada:

Presidente: Sr.	Amado Ferreira
V. Presidente.	Florivaldo Lima
1º Secretário	João Oliveira
2º " " " " " " " " " " " "	D Maria E. Pamponet
Tesoureiro	D. Deliza A. da Silva
Diretor-Patrimônio	D. Adalgisa M. Borges
Coordenador	Pe. Pedro Luiz

A A.B.A.V. é atualmente uma entidade publicamente conhecida. Já foi publicada no Diário Oficial. Os sócios se comprometeram em colaborar com uma livre contribuição mensal. Nestes anos a A.B.A.V. caminhou com pequenos recursos e ajudou velhinhos e doentes, fornecendo alimento, roupas, sapatos, remédios, doutores, colchões e construindo 4 casinhas, as dificuldades para

mate-la são muitas, mas confiamos nos seus sócios e o povo em geral. Que procurem manter esta Associação, auxiliando no que for necessário.

REFORMA DA IGREJA

A nossa Igreja passou por uma reforma no ano de 1912 a mandato do Cel. João Ribeiro Pamponet, residente na sua fazenda Grande Vista neste município. O 1º Altar-mor da Igreja de Baixa Grande, era em madeira, pintado de azul claro, contendo 14 degraus e lá em cima era plano, onde havia um nicho com porta de vidro, e dentro dele, a imagem de Nossa Senhora da Conceição. Na parte baixa estava a mesa do altar onde celebrava as missas.

No ano de 1937 o Pe. Galdino desmanchou este altar e fez na parede 3 cavidades semelhantes a redomas, sem portas de vidros, sendo a do centro para colocar a Padroeira Nossa Senhora da Conceição e as outras duas ao lado desta, uma para São José e outra para Coração de Jesus. Mais tarde, com a chegada de outro Padre e a lembranças de algumas pessoas de Baixa Grande, sobre tudo das senhoras, resolveram retirar estas redomas e construir um Altar – Mor em memória que agradou a todos e é atual. D. Celita Miranda estava sempre à frente para conseguir esta realização. Com a vinda dos padres Amadeus Vacondio e Pe. Fortunato Monelli a igreja neste mês de setembro foi submetida a uma reforma total que durou 4 meses para executar. Para tão nobre iniciativa os baixagrاندenses não mediram sacrifício para ajuda-lo. Do mais rico ao mais humildes todos deram as suas parcelas de contribuição. Fizeram diversas listas que foram enviadas aos filhos de Baixa Grande, residente em outras cidades e Estados, quase todos enviaram seus donativos. Diversas vezes fizeram leilões de GARROTE, de Suínos e Caprinos. Os bingos eram feitos constantemente dando bons resultados. O trabalho da restauração da Igreja foi iniciado na parte interna, retirando todo o piso, colocando ladrilhos. Modificando os degraus do altar-mor, retirou as velhas pilastras da nave da igreja que eram de madeira já danificadas – substituindo por outras de cimento. Abriu portas e janelas nas antigas paredes laterais do altar-mor. Colocou janelas bem altas em vitrais de cores, nas paredes laterais externas. Remodelou o coro e o forro, retirou o batistério para outro lugar. Pintou toda igreja interna e externamente. Fez nova muralha do jardim e do lado da igreja, colocou a entrada de um lado, defronte a uma porta que dá entrada para a igreja. Consertou a instalação elétrica colocando mais lâmpadas. O mestre de obra foi o Sr. Adriano Araújo de Melo. A muralha do jardim foi feito pelo italiano Domingos Rossi. A pintura interna e externa de cor creme foi feita em 1975.

Dinamismo e a honestidade terão a admiração e a solenidade de um reconhecimento de uma gratidão. Que se faça jus, aos Sacerdotes – Amadeu Vacondio, Pedro Luis Ghizelli e Fortunato Manelli, que exemplificam e dignificam com seu bom exemplo os seus paroquianos, não só no cumprimento do dever sacerdotal, mas ainda no amor ao trabalho, a simplicidade em executa-lo conduzindo com seus braços o carrinho de mão, cheio de material para coloca-lo ao pé da obra. Nas suas mãos uma colher de pedreiro, retirando os velhos rebocos. PARABENS dignos Sacerdotes. Seja o seu exemplo uma alerta para muitos outros.

MATERNIDADE

A maternidade Hospital de Baixa Grande situada na rua nova s/n foi fundada no ano de 1976 na gestão do Sr. Milton Ribeiro, por ele equipado e inaugurado.

O bem estar de uma cidade, não depende exclusivamente de seus governantes. Cabe a todos os habitantes, sem distinção de classes o dever sagrado de defende-lo, contorna os problemas, sem atritos, em qualquer setor, lutar pelo progresso, pela harmonia e paz, pelo bem e prosperidade de sua comunidade.

“A MATERNIDADE HOSPITAL DE BAIXA GRANDE” sagra um dever humano para esta cidade. É um marco de esforço e boa vontade de seu fundador, o Sr. Milton Ribeiro. Mantido pela Prefeitura e o Funrural de Baixa Grande.

Esta Casa de Saúde vem atender sobretudo às circunstancias imperiosas de amparar as mães pobres; estas humildes criaturas que o destino as transformou em protagonistas do infortúnio. A elas e as outras mais favorecidas da sorte, que de ora em diante, ultrapassarão os batentes desta Maternidade, levando no seu ventre um pequenino ser, eu as parabeno desejando-lhes felicidades.

À nobre equipe, Diretor, médicos, secretários, enfermeiras e todos os que dentre desta Casa trabalham, pelo bem da coletividade os meus aplausos.

A todos que contribuíram e irão contribuir para a manutenção desta maternidade, os meus agradecimentos.

Que toda a população baixagrandenses distribuídas também pelos distritos, pelas fazendas, pelas roças entrelace suas mãos, e de mãos dadas cooperem na altura dos seus poderes, pelo bem, pela conservação e propriedade desta Maternidade Hospital, que é um investimento necessário e muito útil a esta cidade.

Esta Maternidade Hospital de Baixa Grande desde sua fundação teve como 1º Diretor o médico Dr. Eraldo Alves Miranda e como médico Assistente Dr. Josemar Barbosa Rocha. Secretário D. Telma Barbosa Rocha esposa do Dr. Josemar.

ADMINISTRADOR – O Sr. Lourival Guerra e 4 enfermeira. Existem 2 consultório médicos – uma secretaria – 12 leitos, uma sala de cirurgia – duas enfermarias sendo uma para o sexo masculino e outra para o feminino.

Um posto de enfermagem – uma sala de parto – uma mesa de parto. Um pronto socorro – sala de esterilização – um berçário – uma maca – 14 sanitários sendo 2 para médicos – um sanitário completo para enfermeiras, um roupeiro – uma capela – um tanque subterrâneo e 3 tanques menores. Uma lavanderia – um almoxarifado – uma copa e uma casinha. O crescimento do número de atendimentos médicos-adontológicos é significativo, tanto ao trabalhador rural, através do Funrural, como também de pessoas residentes no município, através da Prefeitura e Secretaria de Saúde.

POSTO MEDICO

O posto médico tem convênio com o Funrural; instalando na gestão do Sr. Milton Pamponet Ribeiro.

Seu médico é o Dr. Josemar Barbosa da Rocha – Médico assistente Dr. Eraldo Alves Miranda – Dentista Dr. Carlos Apoema Cerqueira – uma enfermeira – possui arquivo do Estado. Um consultório medico – um consultório dentário – uma sala de emergência – uma ambulância – 2 sanitários – uma copa – uma dispensa e uma cosinha.

AOS JOVENS BAIXAGRANDEENSES

A vida caminha e a estrada a percorrer até alcançar o teu término é longa e difícil. Estão vocês no limiar da vida, o sorriso, as alegrias os rodeiam neste período sublime da vida, que é a mocidade. A vida caminha e, mais além, esperam vocês a realização dos ideais. Como chegar até lá? assim é o pensamento de muitos, olhando a distância dos grande centros onde a instrução é facilitada e pensando na pouca condição financeira dos pais. alguns jovens: Para que eu estudar? não vou sair daqui, meus pais são pobres, trabalham na enxada, sou o meu preto para que estudar muito? Querer sair daqui para me formar, arranjar um bom emprego, não, não vou pensar assim, ficarei aqui mesmo. Estes pensamentos negativos é que afastam e amedronta o ser humano de enfrentar as dificuldades da vida. Não pensem assim, jovens. A força do pensamento, a idéia fixa em um ideal, levando o homem à prosperidade. O amor ao trabalho, a confiança em si mesmo, à aceitação nas difíceis situações, a vontade inabalável de vencer, são força espirituais que conduzirão qualquer jovem à prosperidade, a uma vida feliz. Vocês jovens, irão formar uma sociedade moderna, a caminho do desenvolvimento. Sejam médicos, engenheiros, farmacêuticos, professores e levem conhecimento nos espaços vazios deste nosso – BRASIL! Avante jovens, não parem no caminho da vida; vão mais além, recebam mais instruções, cultivem a fraternidade, sigam a estrada palmada do bem da moral. Confie em DEUS e um dia seus ideais surgirão cobertos de glória, para a felicidade de vocês, para a alegria dos seus familiares e glória desta terra Natal. Sejam felizes jovens Baixagrandenses, é o meu desejo.
Issa.

UM CAMINHO PERCORRIDO

O casal LEONEL SOARES DE SOUZA e ANÁLIA MIRANDA SOUSA, caminhando pela vida a fora, viu chegar em 28 de dezembro de 1977 a almejada data dos 50 anos de união conjugal – FELIZ BODAS DE OURO – festejada com missa solene, as 11 horas na igreja matriz de Baixa Grande, concelebrada pelos Reverendíssimos Sacerdotes Padre Luis Ghinelle, Fortunato, e Bernardo. Aos familiares e grande parte da Comunidade baixagrandense foi oferecido um lauto almoço, e à noite uma sortida mesa de doces e frios.

A Leonel e Anália uma braçada de felicidades, parabéns e mais outros 50 anos de vida, paz e amor.

Issa.

REMEMORANDO

BAIXA GRANDE – muitos dos teus filhos estão espalhados por este Brasil imenso! Um dia, por certo visitar-te-ão revivendo a saudade da infância e da juventude. Eles irão perguntar: BAIXA GRANDE – O que foi feito daquela Gameleira, no meio da praça, circulada por uma banca de madeira, que servia de sombra e descanso aos feirantes, que aos sábados vinham fazer feira? – aos domingos grupos de rapazes e moças, eles sempre de roupa branca, bem gomada, engravatados, chapéu de palhinha, iam rua acima abaixo e sentavam-se naquela bancada para um bate-papo! O que foi feito daquele lindo jardim circulando a igreja, todo murado, embelezando de diversos tipos de rosa, cravos dos mais lindos, dalias, jasmims, angélicas, enfim uma variedades de folhas de todos os matizes, a espalhar no espaço o seu perfume? Era a admiração dos visitantes, que logo perguntavam; quem zela deste jardim?

Recordo-me ainda, daquele tipo de mulher religiosa, mãe e esposa exemplar que todas as manhãs e às tardinhas, saía de sua residência, lá na rua da Praça e, com passos lentos, dirigia-se ao jardim por ela plantado ao redor da igreja e carinhosamente cultivava planta por planta. De seu zelo floresceu aquele belo jardim que acima descrevi.

Com a sua morte morreram também as flores do seu plantio, do seu cultivo, da sua estima. Esta senhora bem conhecida e estimada pelos baixagrandenses, era a D. Teodolina (D. Zinha chamada por todos) esposa de Sr. Moreno.

A você boa dona Zinha, que em vida ornamentou Baixa Grande de muitas mil flores, recebeu de DEUS os ramalhetes da felicidade eterna.

Aquele outro jardim na praça em frente a Igreja, junto ao coreto, com diversas plantas, palmeiras, flores, boa noites, rosa graxa e muitas outras espécies, feito na gestão do Sr. Bianor Pamponet, que a sua cunhada Aurinha Ribeiro o cuidava?

Aquelas criaturas religiosas que ao badalar dos sinos anunciando a hora do Ângelus, elas vinham, para a igreja, lá visitavam o Santíssimo e rezavam o terço?

Aquela casa branca, lá no alto, do lado do poente, isolada, circundada de altas e largas janelas envidraçadas, tendo ao fundo grande coqueiral, residência do farmacêutico Sr. Avelar?

Aquele outro casarão, todo avarandado com um curral ao lado, residência do velho Pe. Martins?

Do lado do nascente, bem no cume do grande morro, propriedade do Cel. João Job de Souza, aquela casa tipo cupiá de 6 quartos, toda avarandada, tendo ao lado, um pouco mais distante, um cruzeiro que até hoje ainda existem.

Nas ruas da cidade, lá na avenida dois de julho, aquela linda residência de 2 pavimentos, isolados, rodeada de janelas de vidro, sua pintura interna e externa a óleo de um rosa vivo. Na entrada que era do lado, uma saleta, piso de ladrilho, com duas portas, uma para o salão de aula, onde funcionava a escola primária, dirigida pelo Professora Isabel Miranda de Amorim – a outra porta dava a sala de jantar, uma escada que dava acesso ao 2º pavimento, onde no seu topo, via-se um enorme espelho . esta escada se bi-furcava, dando uma para a direita, indo para o salão de recepção, outra, a esquerda chegava-se a sala da capela contendo ai um altar de 3 richos. Nesta capela, celebrou-se a missa da formatura do farmacêutico José Miranda de Amorim (Zequinha) filho do proprietário deste prédio o Sr. Manuel Domingos de Amorim e sua esposa Profa. Isabel Miranda de Amorim (Belinha) tendo eles mais uma jovem filha Alice. Nesta capela realizou-se o casamento do Dr. Medrado com Hilda Saback. No

grande salão dos bailes e recepções, foram acolhidos e recepcionados o Governador Dr. José Joaquim Seabra e sua comitiva; o Governador Góes Calmon e sua comitiva, e depois o Dr. Altamirando Requião. A iluminação interna e externa era a centilene. Dois grandes lustres embelezavam as salas. As salas de visitas e a capela eram forradas com papel de parede em lindos desenhos. A sala de jantar e os corredores, pintados a óleo, em lindas paisagens, vendo-se ainda a igreja do Sr. Do Bomfim, a estação férrea de Salvador e o trem. Ao lado deste prédio, um grande jardim e, mais abaixo uns pés de pitanga, onde a criançada no término das aulas, iam roubar as vermelhinhas frutas, e, de repente, uma velha cozinheira gritava lá de dentro: Que é isto meninos, vou contar a D. Professora Belinha.

Aquele grande sobrado de esquina lá na praça do comércio que na parte de baixo estava a sortida loja do seu dono o Sr. Anério Marinho Fernandes – As casas grandes residências do Sr. José Presídio, Dr. César Ribeiro Soares, Sr. Rosalvo Miranda, Sr. João Job de Sousa, Sr. Isalino, Sr. Bianor, os dois grandes sobrados dos senhores José Sabino e Victor Carneiro.

O grande armazém da esquina na rua JJ Seabra atrás da Igreja, propriedade do Sr. Anélio Fernandes, todo assoalhados com um sótão, lugar privilegiados para os bailes e dramas. O prédio ea Filarmônicas 5 de Março, seus dobrados, suas marchas, suas valsas etc... bem executados, sob a regência do maestro Esmeraldo?!

Do lado do poente, no cimo do monte, uma capelinha com um altar sua padroeira Nossa Senhora das Candeias e, a frente desta capela um luzeiro. A primeira capela, oferta do Sr. Ignácio Miranda; com os anos construiu e mais tarde, seu neto Agnaldo Miranda, com a ajuda de outrem a reconstruiu, transformando-a na atual. A capelinha de Isaias, no começo da rua, onde ele foi sepultado.

Tudo isso, Baixa Grande, foram marcas de teu ancer, dos teus dias passados, onde hoje, só resta a lembranças para os teus filhos. A marcha do progresso, sufoca o passado, dando-lhe em tudo, o renascimento mais perfeito, em modelo arquitetônico de embelezamentos, glorificando a forla intelectual do homem, na carreira da vida.

Baixa Grande – o olhar de teus filhos visitantes chegar´[a até o cemitério e despertará nos seus corações a lembranças dos entes queridos que ali descansam. Em vida o amor os uniu nas alegria e no sofrimento – A morte porém os separou – mas a lembranças reunidas à saudade, vicejam nos seus corações eternamente.

Issa

HOMENAGENS PÓSTIMAS

D.Alice era filha de JOÃO Ribeiro Pamponet, nascida 5 de janeiro de 1885, viuva de Dr. Cesar Ribeiro Soares, seu primonal, de cujo casamento não tiveram filhos. A falecida senhora teve uma vida de fé, dedicação. Morreu tal como viveu; cerda de carinho, da oração, recebendo nos ultimos momentos o conformar espiritual de seus amigos religiosas.

Acompanhou-ã sepultura um buquet de cravos vermelhos sua flor predileta, presente dos padres do monteiro de jequitibá, que a visitaram momentos antes de sua morte. Já agonizante, mas cheia de fé, ainda pôde rezar na hora da ultima

unição. Morreu como sempre desejava, numa la. sexta feira do mês, dia dedicado ao coração de Jesus, cujo apostalado, na paróquia de Baixa Grande foi ela a fundadora. Está sepultada no cemitério de Baixa Grande.

Didimo Ribeiro Soares – Muito cooperou para este livro " vida de Baixa Grande" fornecendo dados que fossem mais veridicos. Livro este, que infelicamente ele não chegou a ler. Faleceu no dia 19 de fevereiro de 1978 em Baixa Grande e sepultado no cemitério local. No grande pesar do seu desaparecimento uma SALDADE, uma GRATIDÃO uma PRECE da prima amiga.

Judite

O FUNDADOR desta terra, INTENDENTES e AUXILIARES falecidos, uma HOMENAGEM PÓSTUMA de Baixa Grande.

Issa.

Yssa/Yaia